

**HOMEOPATIA VS ALOPATIA: A DISPUTA PELO MERCADO DA CURA NO
PARÁ (1917-1922)**

Homeopatia vs Alopatria: a disputa pelo mercado da cura no Pará

Túlio Brenno Brito de Sousa.¹

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise do caminho da homeopatia no Pará e a disputa entre os homeopatas e alopatas, principalmente acerca da atuação do Dr. Zacheu Cordeiro e Dr. Matta Bacelar, médicos homeopatas atuantes no Pará, gerando conflito com os médicos alopatas. Com o recorte definido de 1917 a 1922, o trabalho buscará mostrar as estratégias utilizadas pelas duas medicinas nessa disputa, dando ênfase nas particularidades de cada prática, enquanto, a homeopatia tenta se afirmar como terapêutica à alopatia busca o monopólio da cura. Utilizando periódicos da época, o trabalho pontuará a utilização dos mesmos dentro desse conflito. Terá também um espaço para o debate entre a ligação dos homeopatas e a comunidade espírita no Pará.

Palavras-chave: **Homeopatia. Alopatria. Medicina. Espiritismo. Pará**

Introdução

Este trabalho busca analisar os conflitos existentes no Pará entre os médicos homeopatas versus alopatas no período de 1917 a 1922 e ainda, mostrando a atuação das práticas do espiritismo permeando entre as duas. Tendo em vista o monopólio da ciência médica da época era alopática e no mesmo período há um acentuado crescimento da homeopatia na região. (MADEL, 1996). Por meio de dois médicos homeopatas Zacheu Cordeiro e José Teixeira Matta Bacelar, sendo o último espírita e morador de Santa Izabel do Pará, mostrará como ocorria o conflito entre a ciência contra esses práticos. Haverá também discussão sobre o espiritismo e medicina neste contexto.

O recorte cronológico se fecha neste período por dois motivos, o primeiro que este se localiza entre a fundação da primeira Faculdade de Medicina do Pará (1919), e especialmente, segundo Madel (1996) o período de 1900 a 1930 seria o momento de maior sucesso da pesquisa homeopática em todo país e também o período de maior

¹ Mestrando em História Social da Amazônia. UFPa. Email: tlio_brenno@yahoo.com.br

reconhecimento da mesma. É nesse momento que a homeopatia passa ser aceita como prática médica e ganha status acadêmico e faculdade específica no Estado do Rio de Janeiro. Também esse período marca a discussão sobre o efeito do assacú no tratamento contra lepra, levando o Dr. Zacheu Cordeiro a escrever diversas vezes no jornal O Estado do Pará no ano de 1921.

O caminho da Homeopatia frente à alopatia.

A medicina, tal como temos hoje e a medicina homeopática, nascem a partir dos estudos da medicina grega de Hipócrates. Quando formulou seus estudos, o grego acreditava que as suas diferentes formas de cura poderiam se complementar no futuro para formar uma medicina mais completa. Porém, com os passar dos séculos e o desenvolvimento dos estudos da medicina, percebeu-se o contrário. (CORREA ET AL, 2006)

Em certo ponto do desenvolvimento histórico da sociedade, as diferentes formas de cura elaboradas por Hipócrates, seguiram caminhos diferentes, caminhos estes, não apenas metodológicos de sua prática, mas também de concorrência. A medicina deixa de ser uma ferramenta somente de cura, e passa a ser uma fonte de riqueza. O paciente passa ser o cliente, buscando um serviço. Logo, a luta pelo mercado da cura ganha concorrência, e as diversas formas de cura passam a ser concorrentes entre si.

Michel Foucault (1998) elucida acerca da transformação ocorrida com a medicina, relegada por muitos anos durante a idade média, onde se acreditava que a doença e a cura eram benções de Deus, e que somente ele poderia atuar sobre o indivíduo. Assim, a medicina atuava como ferramenta para salvar a alma do indivíduo e não pensando na sua cura, pois esta seria desígnio de Deus. Com a modernidade a medicina passa ter outro papel na sociedade, se antes ela seu único objetivo era salvar almas, ela passaria a buscar diretamente a cura do indivíduo, atuando junto com fórmulas, remédios, operações, ou seja, a cura saiu da “mão de Deus” e passava para as dos médicos. Com o mundo moderno, a necessidade da clínica surge, a necessidade da relação de busca da cura, tanto pelo médico quanto pelo paciente surge na sociedade.

Para Foucault (1998), a medicina moderna implicou no surgimento de novas formas de conhecimento e nova prática institucional. Sendo assim, o hospital que era um local de assistência ao pobre e um ambiente preparatório para a morte, vira um lugar de exercício médico, um lugar de cura. Ou seja, a criação da clínica implica em um saber sobre o indivíduo como corpo doente que exige intervenções que deem conta de suas singularidades. Além disso, o médico tem a consciência que a doença é um problema político-social.

O nascimento da medicina moderna, ligada diretamente com a institucionalização da medicina no século XVIII, ao qual se buscavam separar a medicina da religião, passa o foco da cura que deixa de ser somente o indivíduo, e passa-se a analisar seu caso a partir de seu “mal-estar”. O paciente também muda, e este passa a procurar um médico a partir da sua percepção dos sintomas que está sentido. (QUEIROZ&CANESQUI, 1986)

O papel social do paciente passa a ser levado em consideração em questão da sua doença. Não só pela análise dos seus sintomas, mas também do seu papel social. A medicina passa a ser comercializada e institucionalizada. Nesse processo a alopatia assume o espaço de ciência, com criação de universidades e cursos médicos com o seu formato de cura. (QUEIROZ&CANESQUI, 1986). No decorrer do processo histórico as outras formas de prática de cura, apesar de logo serem renegadas pela ciência, passam a buscar o seu lugar na sociedade. Mesmo sem o status quo de ciência, a homeopatia surge como alternativa.

O princípio *Similia similibus curentur* formulado por Hipócrates deu origem a uma prática médica pouco conhecida, que busca a cura seguindo a lei dos semelhantes. Homeopatia, como passa a ser conhecida encontra nos estudos do alemão Christian Frederich Samuel Hahnemann, formado médico pela Universidade de Erlangen, em 1779, quando ainda possuía apenas 24 anos.

Segundo Bertucci (2004) o método de Hahnemann era vindo das fórmulas vitalistas da Escola de Montpellier sobre os poderes ocultos que emanavam do corpo. Dessa forma, a tese homeopática se baseava na existência de uma “força vital, imaterial e dinâmica, intermediária entre o corpo físico e o espírito.” (p. 198) Ou seja, o equilíbrio

entre o corpo físico e o espírito determinaria a condição de saúde do indivíduo, uma vez havendo desequilíbrio dessas forças vitais, o mesmo poderia desenvolver alguma enfermidade.

Portanto, para restabelecer a saúde do paciente o médico deveria encontrar o radical que causou esse desequilíbrio e trata-lo, a partir das observações dos sintomas visíveis apresentados pelo enfermo. Entendendo que cada paciente possui uma força vital, própria, única, as doses de medicamentos deveriam ser aplicadas de acordo ao funcionamento do mesmo.

“A eficiência do remédio estaria em produzir uma doença artificial semelhante à enfermidade real” assim, o organismo combateria a doença artificial criando anticorpos que eliminariam as duas doenças do corpo. Para o alemão, só era considerado remédio à substância diluída e aplicada em homens sadios, para que estes adquirissem a doença artificialmente e se curassem com a lei dos semelhantes. (BERTUCCI, 2004, p. 199)

Os ensinamentos de Hahnemann, fundador dos ideais homeopáticos, logo chegam ao Brasil com o médico idealista francês Benoit-Jules Mure em 1841. Com a ajuda do médico cirurgião português João Vicente Martins, um dos primeiros seguidores da doutrina no país, a primeira farmácia de gêneros homeopáticos é lançada no Rio de Janeiro, um ano após a sua chegada. Weber (2005) comenta que desde a chegada de Benoit Mure, o implantador das ideias homeopatas no Brasil, começou uma disputa de poder e mercado entre os homeopatas e os alopatas que duraria séculos.

No Brasil, a homeopatia toma novos rumos, ganha características sociais que trariam maior singularidade dentre os pacientes das mesmas e maior ódio por parte dos médicos alopatas. Segundo Bertucci (2004) Bento Mure era adepto do socialismo “utópico” de Charles Fourier, voltado em diminuir os sofrimentos das camadas mais pobre da população, virtude esta logo aplicada pelos discípulos do médico homeopata francês.

Porém, segundo Gallo, os seus ideais não ficaram somente na utopia, foi posto em prática; Os homeopatas praticavam ações de caridade através do Instituto Homeopático e atendiam pessoas pobres que não podiam pagar pela consulta. “Essa solidariedade ia do

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

grupo para a sociedade, pois os médicos assistiam gratuitamente aos pobres em consultas e medicamentos que fabricavam na Botica Homeopática.” (GALLO, p. 7,8. 2008)

Muito além de ajudar os pobres, os homeopatas acreditavam nas palavras de Fourier, ao qual dizia que só a educação poderia mudar a sociedade. Por isso, eles começaram a investir em propagandas de suas formas de tratamento e de seus produtos. Livros, almanaques, artigos em jornais, todos esses artifícios foram utilizados pelos próprios em função de levar o conhecimento ao povo. Utilizavam a divulgação muitas vezes como forma de autodefesa, pois muitos homeopatas eram denunciados e presos, graças às acusações de envenenamento por parte dos alopatas. E para quebrar esse preconceito, buscavam levar o conhecimento para o povo. (GALLO, 2008)

Gallo liga ainda a homeopatia com o socialismo no sentido da praxe. Pois os homeopatas, para comprovar os seus tratamentos aplicavam em si próprios venenos mortais, e assim demonstravam a eficácia dos seus remédios. Isso mostrava que eles não mantinham suas ideias somente na utopia, buscavam comprovar, colocar em prática suas ideias. E isso para a autora ligava os homeopatas ao socialismo. (GALLO, 2008)

Todas essas ideias que nortearam a fundação das bases homeopatas no Brasil seguiram em frente e se tornaram características principais dos profissionais: a propaganda educativa, a preocupação com os pobres, o atendimento humanitário. Todas essas características e outras que iriam surgir com o decorrer do tempo marcam a história da homeopatia no Brasil.

Zacheu Cordeiro dá mostras dessas características da homeopatia no Pará. Principalmente, dá mostras do lado social e caridoso destes. Desde a abertura de sua clínica homeopata, o médico emitia anúncios no jornal Estado do Pará falando de sua clínica.

Dentro do anúncio o médico destacava os horários de sete e meia da manhã até às nove da manhã e das duas às três da tarde, que eram horários exclusivos para atendimento gratuito aos pobres. (ESTADO DO PARÁ, 27 de janeiro de 1915) E também o Dr. Matta Bacelar que disponibilizava atendimento gratuito para pobres no município de Santa Isabel do Pará. (FERREIRA, 1984).

A disputa médica através das folhas de jornais paraenses.

A disputa entre homeopatas e alopatas não era algo regional. Esse conflito se deu por todo o território nacional, e as formas de exclusão e resistências se deram em cada lugar do país com características próprias de cada estado. A exclusão da ciência e da comunidade acadêmica, fez com que muitos médicos, que tinham por vocação a homeopatia, se formarem em universidades alopáticas.

Tanto Zacheu Cordeiro e José Teixeira Matta Bacelar foram médicos formados em faculdades alopáticas fora do Pará. Zacheu se formou na Faculdade de Medicina e Pharmacia do Rio de Janeiro. Já Mata Bacelar se formou na Faculdade da Bahia. Durante toda a pesquisa procurou-se fontes que pudessem ajudar a entender os motivos que os levaram aos caminhos da homeopatia. No entanto, nada foi encontrado. O que se sabe que ambos chegaram ao Pará e aqui criaram suas clínicas homeopáticas.

Os homeopatas no Brasil ganham características nacionais diversas e que os tornam únicos em todo mundo. Bertucci analisa o sincretismo religioso entre os ritos católicos e espíritas que influenciaram logo de início o exercício da homeopatia no país. A preocupação do homeopata com a saúde espiritual do paciente, buscando sempre uma meio que pudesse leva-lo ao equilíbrio, para assim iniciar o seu processo de cura, fez com que esses profissionais ganhassem muitos seguidores religiosos. Não só na religião que eles ganharam forças, seus contatos sempre muito próximos do povo, davam a esses médicos papéis de agentes sócias. Muitas vezes disponibilizavam atendimento gratuito para aqueles que não pudessem pagar. (BERTUCCI, 2004)

Mas não era só no meio social que se destacavam, seus diagnósticos começaram a ganhar fama pela precisão e pelo contato médico-paciente. Enquanto os médicos alopatas diagnosticavam seus pacientes sem, muitas vezes, nem chegar a toca-los. Pois analisavam os sintomas e a partir disso receitavam sempre os mesmos remédios para todos os pacientes. Os homeopatas possuíam outros métodos. Suas consultas poderiam render horas, pois não se interessavam somente pelos sintomas do enfermo, se interessavam também pelo seu estado de espírito. Assim, muitos dos pacientes se sentiam tratados como humanos. (PEREIRA NETO, 2001)

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Seus medicamentos, inclusive, chegavam a serem motivos para os alopatas os atacassem. Pois suas formulas eram secretas e os alopatas utilizavam isso para os atacarem, chamando os de charlatões. Chegavam a alertar a população acerca do medicamento, que taxavam como “veneno”. Muitos desses homeopatas acabaram sendo presos por exercício ilegal da profissão. Para que essas acusações pudessem ter fim, os homeopatas começaram a investir em educação. Buscavam educar o povo sobre seus métodos para evitar que o preconceito sobre os seus medicamentos os alcançassem. E buscaram educar a educação com anúncios e artigos em jornais, procuravam fazer cartilhas e até mesmo livros que espalhavam pelas cidades e centro rurais. (GALLO, 2008)

Os artigos em jornais acabaram por ser a principal forma de divulgação de suas práticas. A forma ao qual escreviam no jornal se destacava perante os outros textos dos periódicos. Marcado pela linguagem coloquial, os homeopatas buscavam tratar de sua medicina sem usar termos científicos para facilitar o entendimento do público de fora da academia médica. Com essas estratégias os médicos se aproximavam ainda mais do povo. (BELTRÃO, 2002)

Para isso os homeopatas investiam em artigos jornalísticos explicativos de como funcionava a homeopatia e qual era a sua finalidade como forma de cura. O Dr. Zacheu Cordeiro, um dos poucos médicos homeopatas assumidos e atuantes na região, elabora artigos para o jornal O Estado do Pará elucidando a sua prática médica. Além disso, o seu texto sai quase como um desabafo, perseguido pelos médicos alopatas, o doutor usa seu espaço também para questionar a eficácia da sua concorrente e chega até a nomear a homeopatia como ciência. Segundo Cordeiro nasce em 1755 “o homem do qual deviam emanar os maiores benefícios para humanidade” acrescenta enaltecendo a imagem do médico alemão afirmando que “derruir completamente a Babel médica, que devia trazer o cimento com que solidamente iam ser unidos os elementos dispersos do edifício da medicina [...]”. E conclui afirmando o valor da medicina criada pelo alemão argumentando que “verdadeiro e racional systema de curar----- HOMEOPATHIA”. (O ESTADO DO PARÁ, A OBRA DE UM GENIO: HOMEOPATIA, 29/07/1921, p. 1.)

Cordeiro continua o artigo ressaltando o caráter revolucionário da nova medicina:

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

A sua passagem pelo fez época certamente das mais notáveis na historia da medecina, porque o seu descobrimento operou uma reforma profunda, revolucionou, transformou completamente a sciencia cahotica que encontrou, e que já lhe tinha causado tanto horror pelo erro em que vivia, e pela incerteza constante que agia.(O ESTADO DO PARÁ, A OBRA DE UM GENIO: HOMEOPATIA, 29/07/1921, p. 1.)

Mais uma vez o homeopata faz uma crítica à alopatia, escancarando de vez o conflito existente entre eles. Ele faz referência à história de vida de Hahnemann, alopatia de formação, o alemão se desiludido com a pouca eficácia de seus tratamentos, levando-o a formularem uma nova forma de cura. Cordeiro não poupa palavra e o nomeia como aquele que revolucionou a medicina e, por fim, chama de “sciencia cahotica” a alopatia, que segundo ele, horrorizou o pai da homeopatia pela incerteza de como agia.

Zacheu termina seu artigo lamentando a falta de interesse da tida escola oficial levar em consideração os tratamentos homeopáticos, sem justificativa plausível. Ainda sugere que os tratamentos desta escola oficial, são todos baseados nos paradigmas homeopáticos (como a apotherapia e a sorotherapia), sem, no entanto, lhe reconhecer os devidos méritos.

Em palavras fervorosas Cordeiro escreve:

É pena que a escola oficial que emprega medicamentos cuja ação só pódé ser homeopathica que emprega a apotherapia, a sorotherapia, as vacinas, reconhecendo a veracidade da lei dos semelhantes pelos seus mestres mais em evidencia, ella que emprega os coloides, que aceita a universalidade dos fenômenos radioactivos, proclamada por Le-Bom, que aceita a medicação energética, levando a matéria á sua extrema divisibilidade, e cuja apologia ainda é feita por Bardet no numero de março ultimo do “Bulletin General de Therapeutique”, do professor Rodin, é pena, dizia eu, que essa escla só se lembre de Hahnemann para amesquinhal-o e deprecial-o, quando na historia das sciencias não ha exemplo igual de construção tão solida. Isso é desleal!(O ESTADO DO PARÁ, A OBRA DE UM GENIO: HOMEOPATIA, 29/07/1921, P. 1.).

Em outro artigo publicado no Jornal O Estado do Pará, Dr. Zacheu Cordeiro volta a falar sobre o papel relevante da homeopatia na ciência. Nesse artigo, assim como no anterior, o homeopata ataca a alopatia ao mesmo tempo em que defende sua terapêutica das criticas da ciência. Com o título de *O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia medica* Cordeiro é irônico ao dizer que mesmo que o valor terapêutico da homeopatia fosse nenhum a simples expectativa acerca do tratamento seria “menos perigosa do que tem sido

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

a pratica medica de todos os tempos” e que se “a experiência não demonstrasse que a homeopathia é uma verdade” ela ainda teria mais valor do que qualquer outra forma de cura. (O Estado do Pará, O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia medica 07/08/1921). Ele ainda faz uma advertência aos médicos que se voltam contra a homeopatia e não a utilizam como forma de tratamento. Segundo Cordeiro:

Os médicos que não aceitaram a reforma homeopathica, ficaram com o seu eterno sonho galênico, a therapeutica etiológica ou pathogenica, e conservam ainda hoje o espirito da intolerância e os preconceitos da primeira educação scientifica dos seus antecessores, continuam a esperar que seu “Contraria contrariis curantur”, o seu tão apregoadado”Sublata causa, tollitur effectus”, tenham entrada therapeutica curativa. As illosões, porém, desvaneceram-se e continuam a desvanecer-se, porque o micróbio que apareceu-lhes como uma vaga esperança para a confirmação desse principio, para a decanta da antisepsia interna.(O Estado do Pará, O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia medica 07/08/1921).

Zacheu Cordeiro volta as páginas do jornal O Estado do Pará, no dia 28/07/1921 escrevendo uma carta aberta ao dr. Camilo Salgado. Nela o homeopata cobra uma visita do alopata em seu consultório a fim de comprovar-lhe a eficácia da cura da lepra pelo tratamento homeopata. Nota-se nas palavras de Zacheu certa cordialidade com o seu colega de profissão. Diferente dos seus outros textos, ele não se utiliza neste de ironia para tratar da indiferença ao qual a alopatia trata a homeopatia.

Cordeiro convida Camilo Salgado para acompanhar um tratamento de um paciente leproso. Ele indica ter certa intimidade com o alopata pela forma que o trata e por falar que já havia mostrado outros casos para o médico. Portanto, mesmo com todo o conflito existente entre as medicinas, ainda havia certo contato entre os dois lados.

Você sabe perfeitamente que não são os primeiros casos da minha clinica que lhe mostro, e não seria a primeira vez que suas luzes me illustrariam para, ainda com minha medicação homeopathica, prosseguir o tratamento dos meus doentes. (O ESTADO DO PARÁ, carta aberta ao dr. Camilo Salgado, 28/07/1921). (O ESTADO DO PARÁ, carta aberta ao dr. Camilo Salgado, 28/07/1921)

O homeopata fala sobre suportar a intitulação de charlatão e diz não se importar com isso e que prefere o ímpeto de charlatão ao de cientista. Zacheu busca sempre ao longo do texto ser o mais cordial possível o que traz uma série de questionamentos. Por que o homeopata muda a forma do seu discurso ao tratar-se diretamente com Camilo Salgado? Os

dois possuíam algum laço profissional? Zacheu possuía algum receio de bater de frente com o Salgado? De fato, com a leitura da carta de Zacheu ao Camilo Salgado fica difícil de imaginar que haja um conflito existente entre as terapêuticas. Um dia após a publicação da carta o Dr. Camilo Salgado busca a Folha do Norte para responder cordialmente o convite de Zacheu Cordeiro. Salgado fala sobre a carta recebida e a chama de “uma cordialista Carta aberta, em que me vi alvo, por excessiva generosidade, de referências altamente lisonjeiras” comprovando o clima amistoso entre as duas partes. (FOLHA DO NORTE, Em resposta a uma carta, 29/07/1921)

O médico alopata trata de desmentir qualquer boato que ligue o seu tratamento com a homeopatia. Segundo Salgado:

Devo declarar ao dr. Zacheu Cordeiro que não ponho em duvida a afirmativa em que me dirige participando, do que, na sua clinica, tem sido casos de lepra tratados com “assacú” que não é, entretanto como já demonstrado ficou, o mesmo medicamento por mim empregado.(FOLHA DO NORTE, Em resposta a uma carta, 29/07/1921).

Contudo, o dr. Camilo Salgado aceita o convite para comparecer a clínica do dr. Zacheu Cordeiro para conhecer o seu tratamento contra a lepra:

Não me excusarei, em se tratando de convite de um collega, a vêr alguns dos doentes que o dr. Zacheu Cordeiro mostra ter deferencia de apresentar-me, solicitando-se aceitar a franquesa de extranhar o julgamento precipitado que externou quando na minha provável aqnescencia uma causa de pessima impressão aos collegas da escola official [...](FOLHA DO NORTE, Em resposta a uma carta, 29/07/1921).

Apesar da cordialidade das cartas abertas trocadas entre os médicos, sabe-se que o clima entre as duas medicinas não era de amizade. Marcado por conflitos e perseguições, as ordens médicas possuíam a sua forma própria de atuar na sociedade. Ambas se utilizavam de diversas estratégias para conquistar mais pacientes, no entanto, a homeopatia além de tentar atrair mais clientes, buscava se firmar como prática alternativa de cura e sobreviver à pressão alopata.

Homeopatia e espiritismo.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

O homeopata não cuidava somente do corpo do enfermo, cuidava também do seu espírito. Como não poderia ser diferente, a homeopatia começa a ganhar força entre o povo pobre brasileiro e, principalmente, dentro das religiões de origens negras praticadas no Brasil com sincretismo com o catolicismo. (BERTUCCI, 2004)

Mas nenhuma religião buscou tanto contato com o a homeopatia como o espiritismo. Além de religião, o espiritismo também atuava como terapêutica alternativa. Os médicos espíritas realizavam suas curas através dos espíritos que lhe condiziam pelos melhores caminhos para a cura. Os *receitistas*, como eram chamados os médicos espíritas, tratavam os seus pacientes de forma gratuita, pois acreditavam que a seriam recompensados com a aceleração do seu progresso espiritual. Logo as suas práticas curativas fizeram sucesso em varias camadas sociais, da elite a as comunidades necessitadas. (PEREIRA NETO, 2001)

No Pará, o espiritismo vive o seu auge em 1906, quando é criada a União Espirita Paraense, que dentre outras finalidades buscavam unificar o movimento espirita em toda estado do Pará de acordo com a Federação Espirita Paraense. O movimento espirita cria órgãos responsáveis por levar assistência médicas às comunidades necessitadas do Estado. E em 1913, inova e inaugura um depositário de remédios homeopáticos na capital. Essa atitude caracteriza a ligação dos espíritas com a homeopatia e a sua forma de cura. Por outro lado, isso também indica mais uma forma de concorrência pelo mercado da cura com os alopatas. Desde as primeiras manifestações de tratamento a partir do espiritismo e dessa forma aumentar a disputa do mercado da cura, os médicos alopatas buscaram sempre meios de derrubá-los. Taxando-os de charlatões, os médicos acadêmicos buscavam meios legais para coibir o espiritismo como método de cura. (SILVA, 2014)

O código penal de 1890 previa pena de prisão de um a seis meses ou pagamento de multa a todo individuo que fosse pego praticando medicina sem habilitação. Com esse código os alopatas perseguiam e buscavam levar a prisão os espíritas ou qualquer outro pratico que ia de contra a medicina alopática. (PEREIRA NETO, 2001)

Os alopatas buscavam também o argumento científico para deslegitimar o espiritismo. Os seguidores de Alan Kardec possuíam tratamentos considerados

sobrenaturais, com manifestações de espíritos que diziam como tratar os doentes. Os médicos acadêmicos alegavam que isso era uma forma de enganar as pessoas, e reforçavam a ideia de que a ciência médica era a melhor solução. (SILVA, 2014)

Serem renegados pela prática médica acadêmica, para muitos espíritas, não era a única coisa em comum entre eles e os homeopatas. A forma como a homeopatia enxergava cada paciente como indivíduo diferente, entendendo que cada um possui a sua força vital, e, portanto, cada um seria tratado de forma diferente, chamava atenção dos espíritas. (BERTUCCI, 2004)

O sentimento de ligação era tanto que levou o sr. Carlos Sousa, membro da União Espirita Paraense, a escrever uma carta aberta ao doutor Zacheu Cordeiro tentando-o convencer da importância da forma de cura espírita. A carta foi publicada pelo jornal O Estado do Pará em 11 de junho de 1919 e não foi respondida publicamente. O tratamento utilizado por Carlos Sousa para com o dr. Zacheu é de extrema cordialidade e admiração. O espírita não só fala da importância de sua prática, mas como também tenta convencer o homeopata a se juntar a eles. O espírita salienta a importância e o valor científico dos “colegas de profissão” do homeopata, já falecidos. (O ESTADO DO PARÁ, Homeopatia e Espiritismo: carta aberta ao Dr. Zacheu Cordeiro, 11/06/1919, p.1)

Contudo, o Dr. Zacheu Cordeiro não foi o único médico homeopata a ter ligação com o espiritismo. O Dr. José Teixeira Matta Bacelar, que atuava no município de Santa Isabel do Pará era praticante do espiritismo, além de tratar de seus pacientes por meio de medicamentos homeopatas, o doutor também atendia em manifestações espíritas.

Silva (2014) mostra um intenso debate dentro das folhas dos principais periódicos de Belém acerca do valor científico do espiritismo na medicina. Muitos periódicos questionavam o seu esse valor dentro da prática, o chamando de sobrenatural. Tanto que em 1921 um artigo publicado pelo O Estado do Pará questiona os relatos do dr. Matta Bacelar sobre fenômenos espíritas que teria vivenciado no município de Santa Isabel. Segundo Silva (Silva Apud O Estado do Pará, Curas Mediúnicas: uma operação cirúrgica feita pelos espíritos, 09/05/1921):

O Dr. Parece ter se esquecido de como a ciência age em face de um fenômeno novo, até a descoberta de sua causa.

Até reconhecer a verdadeira causa de um fenômeno, a ciência experimental isola uma por uma todas as causas possíveis de o produzir e mesmo de o alterar.

O espiritismo, ao contrario, na quase obscuridade em que se realizam suas sessões envolve-se numa atmosfera de dúvida.

O redator do artigo apela para a formação acadêmica alopática do dr. Matta Bacelar. Alegando que ele como um homem da ciência deveria buscar entender a verdadeira causa daquele fenômeno. O autor mostra não acreditar nos relatos do médico e cobra dele uma postura de ciência em meio da obscuridade das formas de cura do espiritismo.

Segundo Farias sobre o dr. Matta Bacelar no livro Trabalho dos Mortos:

Médico homeopata. Um dos caracteres mais austeros e mais nobres de que temos tido notícia e conhecido. Tradição de honra e bondade, o ilustre apóstolo da Ciência, mas da verdadeira Ciência que se rende à evidência dos fatos, sem preconceitos de infalibilidade nem mal entendidos orgulhos, materialista convicto que era, não fugiu à profissão de fé espírita, após a rigorosa observação dos fenômenos.

E essa mesma profissão de fé, que adiante publicamos, é um testemunho eloqüente do seu elevado caráter.(FARIAS, p. 27, 2002)

Fica claro com a descrição do dr. Matta Bacelar pelo livro espírita Trabalhos dos Mortos o quão a homeopatia era valorizada pelos praticantes da religião. Ao ponto de nomear a homeopatia como verdadeira ciência. O texto também salienta que o médico não fugiu à fé espírita, após uma rigorosa observação de seus fenômenos.

Portanto, a ligação da homeopatia com o espiritismo não era algo somente ligado a ideais e sim também a prática. O dr. Matta Bacelar foi apenas um dos nomes que juntou a profissão com a religião. Mais do que isso, as duas possuem características que muito as assemelham. A preocupação com o individuo como paciente e principalmente com aqueles que não podiam pagar pelos tratamentos as colocavam bem próximas uma da outra. Além disso, o fato de ambas serem perseguidas pela medicina alopática aproximou ainda mais os práticos de cada área, fazendo com que em alguns casos eles se unissem.

Considerações Finais.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

A partir das análises das referências bibliográficas e das fontes, principalmente a de jornais de época, pode-se notar a existência do conflito no Pará. Principalmente na pessoa do dr. Zacheu Cordeiro, o homeopata não mediu esforços para defender sua prática médica, com anúncios no periódico O Estado do Pará, o médico indicava a presença do conflito e buscava tornar a sua medicina mais conhecida.

Quando se fala em disputa sempre se espera que haja um ganhador e do outro lado um perdedor, todavia, dentro da historiografia encontrar esses lados se torna algo complexo, por conta das peculiaridades das histórias e escolher um lado poderia comprometer a pesquisa. No entanto, há um evidente processo de esquecimento da memória homeopata em obras historiográficas como a de Clóvis Meira, o não aparecimento dos médicos homeopatas é um indicio a este processo.

FONTES:

PERIÓDICOS:

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

O ESTADO DO PARÁ/ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL. VOL. III. Anúncios, 1924. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx> . Acessado em: 09/12/2017.

O ESTADO DO PARÁ/ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL. VOL. III. Anúncios do Dr. Zacheu Cordeiro, 1915. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=800082&pesq=Zacheu%20Cordeiro> . Acessado em: 02 de Agosto de 2018.

O ESTADO DO PARÁ. A Obra De Um Genio: Homeopatia, 29/07/1921, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ. A Palavra De Um Sabio: Ainda A Cura Homeopathica Da Lepra Pelo Assacú. 01/07/1921

O ESTADO DO PARÁ. Carta aberta ao Dr. Camilo Salgado, 28/07/1921, p. 1.

O ESTADO DO PARÁ, Homeopatia e Espiritismo: carta aberta ao Dr. Zacheu Cordeiro, 11/06/1919, p.1.

O ESTADO DO PARÁ. O papel e o lugar da Homeopathia na sciencia medica, 07/08/1921.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BELTRÃO, Jane Felipe. **A arte de curar em tempo de cólera... ou o uso da Homeopatia durante o flagelo – Grão-Pará, século XIX.** Revista da SBHC, n. 18, p. 17-38, 1997.

_____. **Autoridade médica e divulgação científica no Grão-Pará flagelado pelo cólera: século XIX.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 239-252, jun 2002.

_____. **Cólera e gentes de cores ou o acesso aos socorros públicos no século XIX.** Physis: Revista de Saúde Coletiva (vol. 14). Rio de Janeiro, 2004.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004, 445 p.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. **História social da linguagem.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CARVALHO, Vanessa Brasil De. **A ciência na imprensa paraense em 130 anos: um estudo de três grandes jornais diários.** Belém, 2013.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CORRÊA, A. D.; QUINTAS, L. E. M.; SIQUEIRA-BATISTA, R. **Similia Similibus Curentur: revisitando aspectos históricos da homeopatia nove anos depois**, **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 13, n. 1, p. 13-31, jan.-mar. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702006000100002&script=sci_artt_ext&tlng=pt . Acesso em: 10/06/2017.

FARIA, Raimundo Nogueira de. **Trabalho dos Mortos**. 6.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

FERREIRA, Nestor. **História do município de Santa Izabel do Pará**. Santa Izabel do Pará, 1984, 276 p.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

GALLO, Ivone. **O socialista da província do Rio de Janeiro: um olhar sobre o socialismo do século XIX**. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

MADEL, T. Luz. **A Arte de Curar versus a Ciência das Doenças: História Social da Homeopatia no Brasil**. São Paulo, Dynamis Editorial, 1996.

MEIRA, Clóvis. **Medicina de outrora no Pará**. Ilustrações Geraldo Corrêa. Belém: Grefisa, 1989.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil: o presente no passado**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios tropicais: A institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919**. Dissertação de Mestrado; orientador, Aldrin Moura de Figueiredo. – UFPA - Belém, 2008.

SILVA, Jairo Nascimento. **Em busca da cura: a institucionalização da medicina acadêmica, entre 1889 a 1925**. Tese de doutorado Orientadora: Maria Amélia Mascarenhas Dantas. USP, 2014.

ZAMBINI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas – SP: Autores Associados, 2001.

WEBER, Beatriz Teixeira. **Estratégias homeopáticas: a Liga Homeopática do Rio Grande do Sul nos anos 1940-1950**. Rio de Janeiro, 2011.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

_____. **Algumas considerações sobre história, saúde e homeopatia.** História Unisino, 2006.

_____. **Como convencer e curar: a introdução da homeopatia no Rio Grande do Sul.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.